

REAFIRMAÇÃO DO LEGADO MODERNISTA: “40 ANOS DE ANTROPOFAGIA” NAS PÁGINAS DO SUPLEMENTO LITERÁRIO DO JORNAL MINAS GERAIS

REAFFIRMATION OF THE MODERNIST LEGACY: “40 YEARS OF ANTHROPOPHAGY” IN THE PAGES OF THE LITERARY SUPPLEMENT OF THE MINAS GERAIS NEWSPAPER

Valdeci da Silva Cunha¹

RESUMO: O artigo tem como objetivo o estudo da presença do escritor Oswald de Andrade e da ideia de antropofagia nas páginas do *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais*, um caderno de cultura especialmente voltado para a literatura, publicado pela primeira vez no ano de 1966. Para este estudo foi analisado um caderno especial publicado no ano de 1968, organizado a partir da importância da data como marco dos 40 anos da publicação do *Manifesto Antropófago*, de autoria de Oswald de Andrade. Procurou-se mostrar como se deu o processo de rememoração-comemoração desse marco histórico para a cultura brasileira e quais as suas relações sobre o legado em certa medida mitológico em torno do tema e do escritor.

PALAVRAS-CHAVE: Suplemento Literário; Oswald de Andrade; Antropofagia; modernismo.

ABSTRACT: The article aims to study the presence of the writer Oswald de Andrade and the idea of anthropophagy within the pages of the *Suplemento Literário* of the Minas Gerais newspaper, a cultural section specifically focused on literature, first published in 1966. For this study, a special section published in 1968 was analyzed, organized around the significance of the date as the 40th anniversary of the publication of Oswald de Andrade's *Manifesto Antropófago*. The goal was to demonstrate how the process of remembrance and celebration of this historical milestone occurred within Brazilian culture and its relationship with the somewhat mythical legacy surrounding the theme and the writer.

*O artigo é parte da pesquisa de doutorado em História Social da Cultura, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2019, intitulada *A hora e a vez de Minas: O Suplemento Literário como um dispositivo de cultura (1966-1975)*.

¹ Valdeci da Silva Cunha é professor de História da Educação Básica, anos finais do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Contagem, doutor em História Social da Cultura e mestre em História e Culturas Políticas. Email: valdeci.cunha@gmail.com

KEYWORDS: Literary Supplement; Oswald de Andrade; Anthropophagy; modernism.

Introdução

O poeta Manuel Bandeira, em janeiro de 1952, compareceu a uma sessão solene na Academia Brasileira de Letras (ABL), no Rio de Janeiro, para um evento em comemoração dos 30 anos da Semana de Arte Moderna. À época, e com os seus 66 anos de idade, o escritor tinha um assento na instituição, cadeira de número 24. Segundo André Bernardo, em matéria publicada sob o título “Por que Semana de Arte Moderna ainda é um marco da cultura 100 anos depois” (BERNARDO, 2022, s/p), publicada no portal da BBC News Brasil, à porta do Petit Trianon, um repórter do extinto *Diário Carioca* teria solicitado uma entrevista com Bandeira, de quem teria ouvido que ele estaria “farto de falar e de ouvir falar sobre modernismo. Tudo o que eu tinha para dizer eu já disse”. Diante da insistência do rapaz, teria prosseguido: “Acho perfeitamente dispensável. Que esperassem o centenário. Se no ano 2022 ainda se lembrarem disso, então, sim”.

Sem sombra de dúvidas a Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida na cidade de São Paulo, é um dos eventos mais estudados na história e literatura brasileiras e a reação de Manuel Bandeira corrobora essa afirmação. Com efeito, desde o seu advento, vários foram os estudos que se prestaram, alguns hoje já clássicos da cultura intelectual brasileira, a analisar o tema, em seus mais variados recortes e possibilidades. Como não poderia deixar de ser em casos assim, a bibliografia acumulada é extensa e de variados matizes. Ao mesmo tempo, também contamos com textos e manifestações feitas por alguns dos principais expoentes que estavam presentes como figuras chave na Semana, como é o caso do escritor Oswald de Andrade.

Em nosso estudo, investigaremos a presença do escritor e da ideia de

antropofagia nas páginas do *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais*,² um caderno de cultura, especialmente voltado para a literatura, mas não somente, publicado pela primeira vez no ano de 1966. O caderno que analisaremos, como veremos nas páginas abaixo, foi publicado em 1968 sob o título de “40 anos de Antropofagia”.

Organizados sem uma periodicidade constante, esses cadernos eram publicados eventualmente dentro da numeração semanal da publicação do *SLMG*, que saía encartado todos os sábados, como parte do jornal oficial do estado, o já citado *Minas Gerais*. Neste estudo, portanto, analisaremos um caderno especial publicado no ano de 1968, como já mencionado, que foi organizado a partir da importância da data como marco dos 40 anos da publicação do *Manifesto Antropófago*, de autoria de Oswald de Andrade. Procuraremos mostrar como se deu esse processo de rememoração e, de certa forma, comemoração feito pelo *SLMG* e quais as suas relações sobre o legado em certa medida mitológico em torno do tema e autor.

Para Maurice Halbwachs, ao analisar a constituição e estruturação da memória coletiva, a nossa memória se estruturaria a partir da força de diferentes “pontos de referência”, que também seriam os responsáveis para inserir a memória pessoal na “memória da coletividade a que pertencemos”. Para o autor, dentre vários pontos de referência possíveis seriam incluídos os monumentos, as paisagens, a arquitetura, assim como “datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados” (HALBWACHS *Apud* POLLAK, 1989, p. 3). Para este estudo, consideraremos o *SLMG* como um ponto de referência cultural que, por sua extensão, capilaridade, alcance e tamanho pode ter contribuído, com considerável peso, para a formação de uma cultura intelectual mineira, mas sem se restringir a essa localidade. Ao mesmo tempo, mostraremos como o *SLMG*, que também pode ser considerado um monumento (LE GOFF, 2003), participou de um processo de afirmação da monumentalização da Semana de Arte Moderna e seus

² Doravante nos referiremos ao *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais* pela abreviação *SLMG*.

desdobramentos. Dentre eles, a antropofagia e dos principais atores que se destacaram em torno dela. Nesse sentido, concordamos com Michael Pollak que, em uma perspectiva construtivista, afirma ser importante não tratar os fatos sociais como coisas, mas atentar para “como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”. Essa abordagem da memória coletiva “irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” (POLLAK, 1989, p. 4).

Dois grandes caminhos, portanto, têm orientado, via de regra, as investigações dos estudiosos sobre o tema da Semana de Arte Moderna, e os seus desdobramentos. Segundo Maro Lara Martins, em seu artigo “Cartografia política e experiência intelectual: uma tipologia do modernismo brasileiro”, uma delas, considerada já clássica sobre o assunto, trataria de alguns tópicos que aparecem constantemente como

(...) a Semana de Arte Moderna como marco fundador e evento aglutinador de ideias inovadoras para as artes e literatura; um grupo de jovens e homens letrados da cidade de São Paulo como catalisadores de novas percepções e questões advindas da modernidade; a cidade de São Paulo como o espaço propício ao desenvolvimento de novas subjetividades artísticas; as ideias de vanguarda e ruptura, associadas a um movimento artístico e literário, que teria empreendido uma revolução nas letras nacionais, colocando-as de acordo com seu tempo e com seu país, após um período comumente considerado como de estagnação nas letras e nas artes (MARTINS, s/d, s/p).

Por outro lado, ainda segundo o pesquisador, alguns

(...) estudiosos têm desenvolvido trabalhos cujos resultados contrapõem essa perspectiva instituída do modernismo, abrindo a possibilidade de uma desnaturalização da ideia de vanguarda e de exposição dos mecanismos políticos e institucionais que, para além das qualidades intrinsecamente literárias, culminaram na canonização do modernismo associada à ideia de ruptura completa com a tradição (MARTINS, s/d, s/p).

Para Rafael Cardoso, no artigo “A reinvenção da Semana e o mito da

descoberta do Brasil”,

(...) ao longo dos últimos 50 anos, a Semana de Arte Moderna virou uma espécie de unanimidade intocável, quase sagrada. Para alguns, a Semana não se debate; se celebra. O curioso é que nem sempre foi assim. No aniversário de 20 anos do evento, a unanimidade era outra (CARDOSO, 2022, p. 17).

Contudo, por se tratar de um desses eventos que podem ser considerados como fundadores na história brasileira, nos parece fora de propósito fazer um levantamento exaustivo das principais publicações que têm vindo a público por ocasião da chegada do centenário da Semana de Arte Moderna. Para o nosso estudo, nos limitaremos a investigar como um caderno de cultura específico, o *SLMG*, nos anos 1960, lidou com legado modernista, especialmente na figura do escritor Oswald de Andrade. Assim, esperamos contribuir com um debate que ainda está vivo no presente de nossa cultura intelectual brasileira. Para tanto, apresentaremos uma cartografia intelectual do caderno selecionado para a nossa análise, procurando mostrar as escolhas feitas e os sentidos que elas carregam em relação à memória cultural desse evento e de como ele foi reorganizado 40 anos depois para nas páginas do caderno.

Oswald de Andrade e os 40 anos da Antropofagia

Como dissemos acima, a escolha do caderno especial organizado sobre o escritor Oswald de Andrade e a ideia de antropofagia para o *SLMG* se justificou pela comemoração do aniversário dos 40 anos da publicação do *Manifesto Antropófago* e, por conseguinte, do surgimento da ideia de antropofagia na cultura brasileira.

Segundo o texto de apresentação do caderno, em sua primeira página, lemos que:

Há quarenta anos surgiam dois textos fundamentais do Modernismo brasileiro: o Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade, lançado em maio de 1928 no primeiro número da Revista de Antropofagia, e Macunaíma, a rapsódia de

Mário de Andrade que empolgaria as letras do tempo pelo caráter inventivo da linguagem e o teor novo da estrutura ficcional. Refletindo - um, no plano das ideias, outro, no plano criativo, os princípios da Semana de Arte Moderna realizaria em São Paulo seis anos antes, os dois fatos significavam, respectivamente, uma radicalização do pensamento crítico diante da realidade brasileira e a tentativa de criação de uma língua capaz de exprimir literariamente a consciência totalizadora dessa mesma realidade (SLMG, 1968, n. 85, p. 1).³

O tom da abertura da apresentação já nos é sugestivo do tipo de apropriação que será feita nas páginas do *SLMG*: os textos e autores escolhidos são “fundamentais”, se não fundantes, do modernismo brasileiro, que teriam empolgado a nossa cultura tanto no “plano das ideias” quanto no “plano criativo”, tudo isso traduzido em uma “radicalização do pensamento crítico”. O sentido é de exaltação e reafirmação de uma memória monumental do modernismo, que reforça a ideia de um imaginário de ruptura presentes nas principais leituras que procuraram identificar no movimento um divisor de águas na cultura intelectual brasileira. Para o *SLMG*, mesmo com as divergências que marcaram a trajetória de amizade entre os escritores, “Oswald e Mário continuariam a exercer a notável influência de suas presenças catalisadoras no trabalho de renovação intelectual do país, mas já sem a antiga coesão de liderança dos primeiros embates revolucionários” (SLMG, 1968, n. 85, p. 1).

Ainda na apresentação do número especial dedicado à antropofagia e ao escritor do *Manifesto*, destacamos uma passagem em que a forma de ler o passado modernista nos sugere, contudo, uma tentativa de atualização dos principais pontos apresentados em 1928 para o presente da publicação do *SLMG*. Nesse sentido, o esforço de percepção do alcance daquelas ideias para as discussões e desafios dos anos de 1960 nos parecem exemplares:

Os dois fatos singulares de 28 não representam, todavia, apenas acontecimentos da história literária que mereçam ser lembrados e comemorados. Eles estão bem próximos e vivos,

³Nas páginas do caderno não foi informado quem teriam sido o responsável (ou os responsáveis) pela organização desse número especial.

repercutindo ainda poderosamente nos projetos, perspectivas e criações da atualidade cultural brasileira. A tese antropofágica hibernou criticamente por vários anos, para ter finalmente retomadas e revistas as suas postulações a partir da década de 50, quando uma nova sensibilidade despertou para a compreensão do que elas continham de lucidez e válida intuição. O manifesto, mais do que simples plataforma ideológica de uma ala radical do Modernismo, passou a ser debatido e a atuar como roteiro para uma indagação crítica e filosófica de nossas perplexidades de nação jovem (SLMG, 1968, n. 85, p. 1).

A passagem nos chama a atenção exatamente pela ampliação da percepção do alcance do projeto modernista traduzido primeiramente no *Manifesto* e expandido para além dele, para além da “história literária”. Nesse sentido, o seu alcance nos âmbitos da política e da filosofia merecem destaque, uma vez que dizem respeito aos deslocamentos dessas ideias como possibilidades de leituras para as “perplexidades” de uma “nação jovem” que, não nos esqueçamos, há pouco havia inaugurado um período de ditadura militar, a partir do golpe civil-militar desferido no ano de 1964. Se a princípio, entretanto, houve uma certa inclinação para a reafirmação do monumento Semana de Arte Moderna, como sugerimos acima, esse novo movimento discursivo nos sugere uma tentativa de abrir esse mesmo monumento ao diálogo, sem aceitá-lo somente pelo seu valor mitológico. É nesse sentido, aliás, que lemos a seguinte passagem, que completa o raciocínio, segundo a apresentação do *SLMG*, da importância das ideias contidas no *Manifesto* depois dos 40 anos de sua publicação:

Conceitos como redução sociológica, importação e assimilação de técnicas e um fazer novo nacional, estreitamente ligados a uma atitude desenvolvimentista, desdobraram-se, sem dúvida, da ideia central antropofágica, para assumir função objetiva como valores ou critérios no campo da sociologia e da economia brasileiras. A poesia concreta recolocou, por outro lado, em meio à sua atividade teórica e crítica, a problemática de uma linguagem identificada com as formulações estéticas da antropofagia, suscitando com isso uma ampla revisão e a necessidade de reedição da obra de Oswald de Andrade, praticamente

desconhecida das novas gerações. A Crise da Filosofia Messiânica, trabalho oswaldiano de síntese filosófica da antropofagia, é agora também revisado, enquanto o teatro descobre a contundência cênica de *O Rei da Vela* e a própria música popular brasileira, buscando uma linguagem de modernidade e universalidade procura situar-se tropicalmente numa verdadeira postura antropofágica (SLMG, 1968, n. 85, p. 1).

E para finalizar, lemos que, ao organizar

(...) este número especial, o SUPLEMENTO LITERÁRIO quer oferecer aos leitores uma visão quanto possível abrangente da Antropofagia, seu significado na história já quase cinquentenária do modernismo e a importância de sua repercussão no contexto cultural brasileiro. E a homenagem que, conseqüentemente, se presta à memória do paulista e bom amigo de Minas Oswald de Andrade (seu pai era mineiro, de velha família de Baependi, daí certamente a sua simpatia com os nossos temas e peculiaridades no ensaio *A Arcádia* e *a Inconfidência* e nos poemas do *Roteiro de Minas*), estende-se a seus companheiros da vanguarda artística de 1928 - a pintora Tarsila do Amaral e o poeta Raul Bopp. Um quadro de Tarsila, batizado como *O antropófago*, tornou-se mesmo o símbolo do movimento, enquanto o poema *Cobra Norato* de Bopp ficou-nos como a criação literária mais típica do espírito antropofágico (SLMG, 1968, n. 85, p. 1).

Entremos, então, no caderno especial propriamente dito para entender como, sob essas orientações mencionadas, foram montadas as suas páginas, quais fontes foram movimentadas e quais os sentidos atribuídos. Nossa proposta é nos deslocarmos pelas páginas do caderno como se estivéssemos caminhando por um acervo ou arquivo. A ideia é tentar entender como o caderno foi estruturado, quais as escolhas foram feitas, uma vez que ele traz um sentido de ontologia ao reunir textos, ensaios, desenhos etc de vários colaboradores, frequentes e ocasionais.

Logo após a apresentação da primeira página, que foi acompanhada de uma imagem de um quadro da pintora Tarsila do Amaral, nos deparamos, em sua segunda página, com a publicação na íntegra do *Manifesto Antropófago*, de autoria de Oswald de Andrade, que teve a sua publicação pela primeira vez na

Revista de Antropofagia, em número 1, de maio de 1928.

Em sua terceira página lemos um trecho da conferência feita por Oswald de Andrade em Belo Horizonte, em 1944, por ocasião da Exposição de Arte Moderna realizada na capital mineira. Nela, o escritor apresentou a sua conferência intitulada “O caminho percorrido”, que seria publicada em texto no livro que ele mesmo organizou sob o título *Ponta de Lança: polêmica*, em 1944.⁴ Sobre essa obra, vale uma observação: a sua 2ª edição só veio a público no ano de 1971, pela editora Civilização Brasileira. Nela lemos entre parênteses, logo abaixo do título, a informação que o livro foi publicado “Em convênio com o Instituto Nacional do Livro - MEC”.⁵ Essa informação nos faz pensar se, de alguma maneira, a publicação do caderno do *SLMG*, no ano de 1968, pode ter ajudado a chamar a atenção para a importância da obra de Oswald de Andrade.

Para ficarmos com apenas uma passagem do texto a qual foi atribuído o título “Da Inconfidência à Antropofagia”,⁶ Oswald de Andrade nos apresenta uma curiosa aproximação entre eventos chave da nossa história, ligando o século XVIII mineiro ao século XX, destacando especialmente a importância de São Paulo:

Indagar por que se processou na nossa capital a renovação literária, é o mesmo que indagar por que se produziu em Minas Gerais a Inconfidência Mineira. Como houve as revoluções do ouro, houve as do café. Naquelas culminaram os intelectuais de Vila Rica, nestas agiram como semáforos os modernistas de 22. Nunca se poderá desligar a Semana de

⁴Segundo Mário da Silva Brito, “*Ponta de Lança*” reúne trabalhos que divulgou em 1943 através de *O Estado de São Paulo*, *Diário de São Paulo* e *Folha da Manhã* e três conferências pronunciadas nesse e no ano seguinte. Essa seleção de trabalhos, feita por ele mesmo naquele período, constitui valiosa embora pequena amostra do seu ideário estético e político, e documenta-lhe o estilo crispado, ágil e de inesperados efeitos” (BRITO, 1971, p. xviii).

⁵Dentro das “Obras completas de Oswald de Andrade” organizadas pela editora, o livro *Ponta de Lança* ocupa a V edição, sendo o primeiro a junção de três romances do escritor (*Alma*, *A estrela do Absinto* e *A Escada*) publicado sob o título de *Os Condenados* (na reedição não consta a data da publicação do livro, somente a informação de ter sido o primeiro, inserido na “Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira - volume 143”, sendo o *Ponta de Lança* apresentado como o de número 153).

⁶Em *Ponta de Lança* o texto foi publicado sob o título de “O caminho percorrido” (ANDRADE, 1971).

Arte Moderna que se produziu em fevereiro, do levante do Forte de Copacabana que se verificou em julho, no mesmo ano. Ambos os acontecimentos iriam marcar apenas a maioria do Brasil. Essa maioria fora pronunciada em Minas pelos Inconfidentes (ANDRADE, 1968, n. 85, p. 3).

Inconfidência, Semana de Arte Moderna, levante do Forte de Copacabana e Antropofagia: esse teria sido o caminho percorrido. E com o desdobramento, é claro, na Belo Horizonte dos anos de 1940, que tinha como prefeito o futuro presidente do país Juscelino Kubitschek. Segundo Oswald, ao ser perguntado por alguém se a ideia de um caminho percorrido teria a ver com o “trajeto ferroviário de São Paulo a Belo Horizonte”, ele nos diz que:

(...) fiquei pensando nessa curiosa analogia em que a distância geográfica entre as duas capitais pode ilustrar uma etapa superada no tempo. O caminho percorrido de 22 a 44. São Paulo do Centenário, Belo Horizonte de Juscelino Kubitschek. Em 22, São Paulo começava. Hoje Belo Horizonte conclui. Porque enquanto Minas procura unificar o Brasil, São Paulo se dispersou em setenta painéis e foi preciso virmos a Belo Horizonte para dar o espetáculo duma família solidária e respeitável (ANDRADE, 1968, n. 85, p. 3).

Depois dessa abertura, que parece ter sido escolhida estrategicamente para demarcar a importância de Minas Gerais e sua história e cultura intelectuais no pensamento do escritor, na mesma página lemos trechos da vida de Oswald organizados pela ótica do crítico e teórico da literatura Haroldo de Campos, que também será o responsável pelo texto da página seguinte. Nela, de número 4, lemos o texto intitulado somente “Oswald de Andrade” (CAMPOS, 1968, n. 85, p. 4). Essa concisão, a sugestiva desnecessidade de qualificar o escritor, seja positivamente ou não, dá o tom da leitura de Campos sobre a obra e a importância de Oswald para as letras nacionais:

Se se pode reconhecer em nossa literatura moderna um espírito marcadamente poundiano, este será o de Oswald de Andrade. Oswald é o inventor, na acepção pound: “homens que descobrem um novo processo ou seja obra estante dá-nos o primeiro exemplo conhecido de um processo”. É o homem das “separações drásticas”, dos “não li e não gostei” iluminados, que zoneavam clareiras de lucidez por entre o

marasmo bom-tom da floricultura-de-estufa em que se confinou certa parte da produção literária subsequente, que supôs reagir sério-esteticamente contra a instigação berrante de sua obra (CAMPOS, 1968, n. 85, p. 4).

O texto carrega uma forte carga de exaltação e valorização da obra e da importância de se retomar, e ao mesmo tempo reeditar, os escritos de Oswald. Nesse sentido, é um texto bem afinado, digamos, com os propósitos anunciados pela apresentação do caderno especial ao público. Como vimos na citação acima, Campos aproxima Oswald do escritor norte-americano Ezra Pound, ao mesmo tempo em que exalta o escritor como um “fundador de uma tradição criativa. Uma tradição escamoteada dos jovens (o ‘pequeno mistério editorial’ que é a não reedição de suas obras)”. Contudo, segundo o crítico, “aos poucos, vai sendo por eles recuperada, nas bibliotecas públicas, ao acaso dos sebos, à providência dos amigos” (CAMPOS, 1968, n. 85, p. 4).

Dando uma pequena pausa nos escritos de Oswald, na quinta página do caderno encontramos um pequeno texto, sem autoria e sem referências, intitulado “Tarsila do Amaral: dados biográficos”. Como o próprio título nos indica, nos é apresentado um perfil resumido da pintora, com o propósito de conectá-la à Semana de Arte Moderna e ao movimento antropofágico:

O nome de Tarsila está, assim, profundamente ligado ao movimento renovador das artes plásticas no Brasil, tanto por sua produção artística quanto pela sua ativa participação no grupo “antropofágico”, de que foi, segundo depoimento de Raul Bopp, a “chefa”. Suas primeiras exposições foram realizadas ainda em Paris seguindo-se as realizadas em São Paulo, provocando, como as de Anita Mafalti e de Di Cavalcanti, das mais furiosas reações do público (1968, n. 85, p. 5).⁷

Na mesma página, ao lado da pequena biografia de Tarsila, encontramos um texto de autoria do crítico Mário da Silva Brito intitulado “Raul Bopp”. Semelhante ao feito com a pintora, lemos uma resumida apresentação do escritor conectando-o ao movimento antropofágico:

Raul Bopp participou ativamente da fase polêmica do

⁷Esse pequeno texto biográfico não traz nenhuma referência de autoria.

modernismo em São Paulo. A princípio compôs o grupo “Verde e Amarelo”. Plínio Salgado definiu-o mesmo como o “verdeamarelismo ambulante”. Mas depois, integrou as hostes da “Antropofagia”, com Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral (BRITO, 1968, n. 85, p. 5).

O interesse por Bopp e sua literatura, especialmente por sua principal obra, *Cobra Norato*, publicada pela primeira vez em 1931, ganha espaços das páginas seis e sete do caderno, onde foram publicados trechos do livro. Para além deles, ainda na página sete, lemos o ensaio, de autoria de Othon Moacyr Garcia, “Cobra Norato - O poema”.⁸

Em tom similar aos demais textos publicados no caderno, o ensaio é uma exaltação do escritor e de sua obra em relação aos ganhos intelectuais provocados pela Semana de Arte Moderna e seus desdobramentos. Segundo seu autor, “do alvoroço provocado pela chamada Semana de Arte Moderna nos idos de 22, sobraram algumas obras cujo valor o tempo e a perspectiva não fizeram senão confirmar” (BOPP, 1968, n. 85, p. 7).

E ainda complementar:

Ao lado de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, é *Cobra Norato* uma das obras mais singulares de nossa literatura contemporânea. (...) Se *Macunaíma* é o povo, o homem, *Cobra Norato* é a terra; se *Cobra Norato* é a terra, suas águas e florestas, *Macunaíma* é o seu duende. Ambos se completam, portanto, como símbolos da “terra e da gente do Brasil” numa visão alucinada e fingida – vale dizer, poética – da nossa história, origem e destino. Se assim é, Mário de Andrade e Raul Bopp – por que não? – serão dois rapsodos modernos (BOPP, 1968, n. 85, p. 7).

Curiosamente, as páginas seguintes, oito e nove, ainda se ocupariam do nome de Raul Bopp, contudo, nessas, com a seleção de trechos retirados do livro *Movimentos modernistas no Brasil - 1922-1928*.⁹ Sob o título de “Uma subcorrente modernista em São Paulo: a Antropofagia”, as passagens escolhidas versam sobre uma amplitude de temas que vão da Semana de Arte Moderna e a

⁸Segundo referência trazida ao final do texto, o ensaio foi retirado do livro *Cobra Norato - o poema e o mito*, publicado no ano de 1962 pela livraria São José, do Rio de Janeiro.

⁹Assim como o livro de Othon Moacyr Garcia, a obra de Raul Bopp também foi publicada pela livraria São José, sendo essa no ano de 1966.

importância de São Paulo a questões sobre a Revista de Antropofagia, as “pequenas hostilidades” em que se envolveram Mário e Oswald e o plano que teria existido à época para a criação de uma “Bibliotequinha Antropofágica”.

Segundo Bopp, na abertura do texto publicado no *SLMG*, ao conectar a Semana de 1922 à antropofagia:

A agitação que resultou do Movimento Modernista de 1922, estendeu-se por todo o país. O seu ruído acordou o Brasil de um estado de estagnação. O ânimo de renovação liquidou não somente com um passivo de ideias antiquadas que predominavam nas letras e nas artes, como chegou mesmo a influir na formação de um espírito novo que veio ocupar a nossa órbita política. Os reflexos da “Semana” alcançaram os setores mais diversos. O impulso da caudal modernista deu lugar, alguns anos mais tarde (1928), a uma subcorrente de ideias na própria cidade de São Paulo. Essa agitação no mundo das letras, que surgiu com um sentido ferozmente brasileiro, denominou-se “Antropofagia” (BOPP, 1968, n. 85, p. 8).

Para a décima página do caderno especial, foi selecionado um curioso texto, publicado no ano de 1929, de autoria de Jayme Adour da Câmara. Sob o título de “Antropofagia - revolta da sinceridade recalçada”, somos informados de que se trata, na verdade, de uma “conferência pronunciada a bordo de um navio numa viagem à Europa, e divulgada por Oliveira Bastos no extinto Suplemento Dominical do ‘Jornal do Brasil’, em 12 de agosto de 1957, do que é transcrita” (CÂMARA, 1968, n. 85, p. 10).

Como esperado, como sugerido no título da conferência, novamente lemos um texto em que a antropofagia e a sua importância são defendidos com veemência. Em diálogo aberto com passagens do *Manifesto Antropófago*, o tom é de exaltação dos ganhos, tanto estéticos quanto políticos das propostas apresentadas em torno do conceito:

“Antropofagia” nasceu de uma necessidade imanente do espírito brasileiro. Movimento de reação contra todo o idealismo utópico. Contra a literatura “cívica” e contra todas as escolas literárias. Marcha em sentido da nossa geografia. Descida violenta contra todos os falsos ídolos da nacionalidade. “Antropofagia” é um movimento de

libertação. “A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem” (Manifesto). Daí, movimento de coragem e combate decidido. Movimento que segue sua evolução violenta para um desfecho de lutas em campos rasos. Já ouve quem visse em nossa “descida” um movimento em prol de certo gosto estético. Não. Caminhamos para a integração do homem em si mesmo. Para a sua libertação. Para a libertação de seus instintos recalçados e deformados pela violência do colonizador (CÂMARA, 1968, n. 85, p. 10).

Para Câmara, como para alguns dos antropófagos, os quais ele não nomeia em seu texto, era necessário distingui-los dos modernistas: “e já foi dito várias vezes nas nossas campanhas e aqui repetido mais uma vez. Os antropófagos não são modernistas. (...) Eles também não são primitivistas”. E complementa que o que se buscava era a “simplicidade e não um novo código de simplicidade. Naturalidade, não manus de bom tom”. E para complementar seu raciocínio, bem ao gosto do *Manifesto Antropófago* de Oswald, cita uma passagem de Osvaldo Costa, para quem era fundamental não “confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa)” (COSTA, 1968, n. 85, p. 10).

Os temas da antropofagia, primitivismo e suas relações com a política ainda marcariam presença nas páginas finais do caderno especial do *SLMG*. Em texto intitulado “Tarsila e a exposição antropófaga”, presente na página 11, novamente de autoria do crítico Mário da Silva Brito,¹⁰ lemos que:

Assim como o movimento “verdeamarelo” se transforma no da “Anta”, também o “pau-brasil” se transmuda no da “Antropofagia”, tendo Oswald de Andrade como chefe. É opositor do “verdeamarelismo” e sua nova encarnação. Mas, como este, prega o retorno ao primitivo, porém ao primitivo em estado de pureza – se assim se pode dizer – ou seja sem compromissos com a ordem social estabelecida: religião, política, economia. É uma volta ao primitivo antes de suas ligações com a sociedade e cultura ocidental e europeia (BRITO, 1968, n. 85, p. 11).

Para além dessas considerações de cunho teórico, Brito também nos

¹⁰Segundo referência publicada ao final do texto, o trecho escolhido foi retirado do livro *Literatura no Brasil*, que teve a direção de Afrânio Coutinho e foi publicado no ano de 1959 (Vol. III, t. 1. Rio de Janeiro, Livraria São José).

informa sobre as polêmicas que marcaram a exposição de Tarsila, em 1929, que teriam contribuído para a repercussão das ideias antropófagas por outras partes do Brasil:

A exposição antropófaga, ocorrida em 1929, no Rio, provoca grande escândalo. Há intervenção da polícia, secretas se espalham pelo público, a fim de evitar conflito entre os partidários e opositores de Tarsila. Não menos barulhenta é a repercussão da mostra de quadros quando apresentada em São Paulo. Os alunos da Escola de Belas Artes – previnem à pintora - pretendiam rasgar as suas telas (BRITO, 1968, n. 85, p. 11).

Para Tarsila, segundo Brito, “o movimento empolgou, escandalizou, irritou, entusiasmou, cresceu com adesões do norte ao sul do Brasil”, ao que o crítico conclui que “o Modernismo, como ruptura com as tradições conservadoras e acadêmicas, estava triunfante. Disseminaram-se por todo o país, até pelas cidades do interior” (SLMG, 1968, n. 85, p. 11).

Ainda na mesma página, lemos um ensaio de autoria de João Dornas Filho, apresentado pelo caderno como um integrante, junto com Aquiles Vivacqua e Guilhermino César, do “grupo de Leite Crioulo, réplica mineira da Antropofagia” (DORNAS FILHO, 1968, n. 85, p. 11). Intitulado “Para a história do modernismo brasileiro”, texto publicado no *Diário de Minas*, em 19/10/1952, como apresentado ao final do texto, lemos que:

O ano cinquentenário de Carlos Drummond de Andrade faz-se recordar dos dias agitados que correram entre 1922 e 1930, quando o movimento modernista, ultrapassada a fase de demolição que atingiu até 1926, entrou no largo caminho da construção, com Ronald de Carvalho (“Toda a América”), Mário de Andrade (“Macunaíma”), Carlos Drummond de Andrade (“Alguma Poesia”), Manuel Bandeira (“Libertinagem”), não se falando na crítica de Tristão de Ataíde e Agrippino Grieco, que eram os evangelistas do movimento (DORNAS FILHO, 1968, n. 85, p. 11).

Para Dornas Filho, o movimento dos anos 1920 representava uma “rebelião” que “apresentava, por esse tempo, um balanço com saldo credor acima de qualquer expectativa”. Tratava-se, portanto, de uma “irremediável

transformação estética vitoriosa” que dava “sentido social ao movimento, que culminaria em 1930 na transformação política” (DORNAS FILHOS, 1968, n. 85, p. 11). Aqui, como vimos em vários momentos deste texto, o tom é de exaltação e euforia sobre o desenrolar dos acontecimentos iniciados em 1922, com o advento da Semana. E nesse sentido, procurou localizar a intelectualidade mineira nesse contexto ao destacar, contudo, a pouca aproximação de alguns de seus representantes às teses antropofágicas:

Era a vitória completa da revolução intelectual, que em Minas, como é do gosto dos mineiros, desde de 1920 se processava sem estardalhaços com Martins de Oliveira, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Emílio Moura, João Alphonsus etc. (...) Em Minas, que por esse tempo (1928) já floria o grupo de Cataguases (Resende, Peixoto, Guilhermino, Ascânio, Rosário, etc.), Carlos Drummond e seu grupo permaneceram ausentes do movimento antropofágico (DORNAS FILHO, 1968, n. 85, p. 11).

O autor aproveita a ocasião para trazer para o leitor um episódio de uma carta enviada por Drummond a Oswald à época, e inserida no texto de Dornas Filho em sua publicação de 1952, e recuperada pelo *SLMG*, em que o escritor mineiro se recusava a aderir ao movimento antropofágico. Nessa carta, Drummond manifesta ter conhecimento da revista publicada em São Paulo assim como do movimento, mas justifica a sua recusa em participar do projeto: “Não posso, pois, colaborar na descida antropofágica. Não participo do Estado de espírito índio, considero acadêmicas as discussões sobre os jesuítas”. Mais a frente, afirma que “a antropofagia não é mais um movimento decente. Nem é uma ‘blague’. Sinto muito, mas não posso aderir”.

Curiosamente, este pode ser entendido como o único texto publicado no caderno em que podemos perceber posições críticas ou mesmo contrárias à antropofagia oswaldiana e às principais questões que ela levantava. O próprio Dornas Filho, por sua vez, também se apresentava, já nos anos 1920, como contrário ao movimento, segundo trecho em que o autor comenta a resposta de Drummond sobre a cobrança de Oswald sobre a adesão dos “meninos de

Minas”¹¹ à antropofagia:

Quero explicar que o “crioulismo” a que se refere Drummond foi um sarampo romântico de 1929, que Guilhermino César, Aquiles Vivacqua e eu contraímos no ambiente carregado do indianismo paulista. Seria a vacina africana contra a antropofagia que ameaçava comer (e comeu) os próprios pagés que a criaram... Fundamos então um jornal – o “O Leite Crioulo”, que saiu intencionalmente a 13 de maio e por ele pretendíamos combater o romantismo paulista com o romantismo bantu... Do que se conclui que o romantismo afro-brasileiro é anterior de dez anos à “Casa Grande de [sic] Senzala” ... (DORNAS FILHO, 1968, n. 85, p. 11).

Para finalizar, em sua décima segunda página, a última do caderno, lemos um ensaio intitulado “A marcha das utopias”,¹² de autoria do filósofo Benedito Nunes, um dos principais leitores e intérprete da obra de cunho político-filosófico de Oswald de Andrade.¹³ Em seu estudo, analisa uma tese do escritor nomeada de “A crise da filosofia messiânica”, que foi apresentada em 1950 para o concurso da Cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Para Oswald, essa crise teria como base um procedimento, que iria do “matriarcado primitivo ao patriarcado, para depois da superação deste retornar a uma diferente e renovada expressão daquela, no esquema triádico abstrato de tese, antítese e síntese”.

Segundo a análise de Nunes, Oswald teria sido responsável

¹¹Na carta enviada por Drummond, lemos a seguinte passagem: “Quanto aos ‘meninos’ de Minas, cada um decidirá por si. O João Alphonsus concorda comigo e João Dornas fundou o crioulismo, cujo órgão oficial sairá no dia 13 deste” (SLMG, 1968, n. 85, p. 11).

¹²O título escolhido para o ensaio publicado é o mesmo dado por Oswald a uma série de artigos originalmente publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1953, e reunidos em volume no “Cadernos de Cultura, Serviço de Documentação, Ministério da Educação e Cultura”, em 1966 (NUNES in ANDRADE, 1978, p. xiv).

¹³É de autoria de Benedito Nunes um ensaio introdutório intitulado “Antropofagia ao alcance de todos”, que acompanha, até hoje, dois livros de Oswald de Andrade: *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias* (1972) e *A utopia antropofágica* (1990). É também de sua autoria o pequeno e muito sugestivo livro *Oswald canibal*, publicado em 1979. É nesse livro, inclusive, que encontramos uma nota que diz que “os capítulos deste livro foram anteriormente publicados como artigos, agora reunidos, nos Suplementos Literários de *O Estado de São Paulo* e *Minas Gerais*” (NUNES, 1979, p. 7). O texto “A Marcha das utopias”, aliás, publicado no caderno especial que estamos analisando, integra o livro com título homônimo.

(...) por dois importantes manifestos do nosso modernismo, o Pau-Brasil (1926) e o Antropófago (1928), (...) deixou-nos uma trilha de inquietação intelectual, que vai da poesia ao romance, do artigo polêmico ao ensaio filosófico. É em “A Crise da Filosofia Messiânica” (1950) que ele, após examinar a decadência simultânea do patriarcado e do pensamento filosófico ocidental, prevê o advento de uma sociedade em que a técnica, libertando o homem do trabalho material, devolve-o ao estado de comunhão com a Natureza, que o primitivo viveu, no ócio das florestas do Novo Mundo... (NUNES, 1968, n. 85, p. 12).

Para Oswald, ainda segundo Nunes, mesmo que o escritor não tenha sido um “um filósofo puro, nem sociólogo ou historiador”, por mais que tivesse uma “inconsistência lógica e de improvisação intelectual”, ele teria sido um “filósofo, tal como se disse de Fernando Pessoa, um ‘indisciplinador de almas’, um agitador de ideias” (NUNES, 1968, n. 85, p. 12).

Para Nunes, Oswald era um intelectual da ação, das formulações rápidas, pouco disposto ao trabalho mais demorado, por vezes, da reflexão teórica:

[Oswald] participava emocionalmente dos temas de que se ocupou, que os vivia na forma de problemas urgentes e imediatos interligados, problemas que transgrediam a reflexão pura para exigir atitudes práticas de teorizador social, também romancista e poeta, atento à rapidez das transformações da vida humana em nossa época. Por outro lado também, o que é importante considerar, Oswald de Andrade reconhecia a impossibilidade da reflexão teórica pura, que desatendesse a condições “a priori” de ordem emotiva, a que o pensamento está sujeito, a primeira das quais é o sentimento órfico, gerador de mitos, constante da existência individual e social (NUNES, 1968, n. 85, p. 12).

Mesmo não sendo o portador de uma “reflexão teórica pura”, Nunes reconhece em Oswald uma filosofia. Para tanto, esforça-se numa tarefa de intérprete do pensamento do escritor, principalmente em seu trabalho de reformulação de algumas ideias iniciadas nos anos de 1920, sendo a de antropofagia a mais vibrante. Nesse artigo em questão, Nunes traça um profundo e detalhado paralelo das ideias oswaldianas contidas no *Manifesto Antropófago*, em “A crise da filosofia messiânica” e nos ensaios do “A marcha

das utopias”. Para ficarmos com apenas uma passagem da leitura que Nunes faz dos escritos de Oswald, vejamos como Oswald nos diria logo “após examinar a decadência simultânea do patriarcado e do pensamento filosófico ocidental”, e que previu a chegada de uma sociedade em que a “técnica, libertando o homem do trabalho material”, o devolveria “ao estado de comunhão com a Natureza, que o primitivo viveu, ao ócio das florestas do Novo Mundo...” (NUNES, 1968, n. 85, p. 12). Haveria, então, uma expectativa de um futuro onde o novo/utopia se encontraria com o velho/passado para o ressurgimento de uma sociedade marcada pelo fim do patriarcado, a propriedade privada, a exploração do homem pelo homem, dentre outras questões:

A sociedade que advirá do pleno domínio da técnica é, paradoxalmente, muito nova e muito velha: muito nova por que viria substituir as até aqui perduráveis instituições patriarcais, que formam o ciclo de cultura marcado pela concepção messiânica do mundo, paralela à civilização; muito velha porque, graças à absorção da força de trabalho pelas máquinas, que põem a funcionar sozinhas, como os fusos de Aristóteles, essa sociedade traria de volta o parentesco materno, a propriedade coletiva, o ócio lúdico e festivo, partes da mesma atitude do primitivo, gerador dos tabus, dos totens e da antropofagia, que correspondeu a outro ciclo de cultura, reprimido e soterrado pela civilização (NUNES, 1968, n. 85, p. 12).

Por fim, é a imagem de “inconformista”, “inquieta”, “vanguardista”, “revolucionário”, para ficarmos só os que ficaram mais presentes no caderno, que transborda do caderno especial do *SLMG* sobre os 40 anos da Antropofagia. Mesmo com a publicação de uma crítica com os “meninos de Minas”, como teria dito Oswald e ironizado por Carlos Drummond de Andrade, o *SLMG* reuniu em sua antologia de textos e imagens uma seleção consideravelmente ampla de pontos de vista de uma memória de exaltação do modernismo e, por conseguinte, da antropofagia.

Hoje, contudo, com a chegada do aniversário dos 100 anos da Semana de Arte Moderna, já somos apresentados a uma série de estudos que não se furtam em tecer críticas, e algumas delas bem duras, a essa mesma memória monumental e monumentalizada do evento. Nesse bojo, vale a pena destacar as

pesquisas que fazem uma leitura do movimento em sua dimensão da presença/ausência dos negros tanto nas temáticas quanto na efetiva participação na vida cultural do período. Contudo, nos anos 1960 e nas páginas do *SLMG* o tom foi outro. Afinados com espírito da época em que várias questões relativas à Guerra Fria estavam na ordem do dia, talvez esse movimento de exaltação/monumentalização da antropofagia, em especial nos aspectos em que ela ainda demonstrava potencial, assim como de seus principais nomes, dentre eles Oswald de Andrade, possa ter contribuído para a redescoberta desse arsenal de ideias gestadas nas primeiras décadas de nossa recém passagem do Brasil império escravista para o Brasil republicano oligarca.

Referências

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDO, André. Por que Semana de Arte Moderna ainda é um marco da cultura 100 anos depois. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60321269>. Acesso: mai. 2023.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BRITO, Mário da Silva. Oswald, democracia e liberdade. In: ANDRADE, Oswald de. **Ponta de lança**: polêmica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

CABRAL, Cleber. (Org.); LANARI, Raul. (Org.); LENINE, Thiago. (Org.); CUNHA, Valdeci da Silva. (Org.) . **Cultura intelectual em perspectiva**: linguagens, instituições e trajetórias. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2019. v. 1

CAMPOS, Deivison. A questão racial no modernismo brasileiro. **Outrasmídias**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-questao-racial-no-modernismo-brasileiro/>. Acesso: fev. 2023.

CARDOSO, Rafael. A reinvenção da Semana e o mito da descoberta do Brasil. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922 • Estudos Avançados 36 (104),

Jan-Apr 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Cm4BLN6hXMvwJjrpK9WY8YL/>. Acesso: mai. 2023.

CUNHA, Valdeci da Silva. Suplemento BH 100 e as galerias da memória. **Resgate - Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 24, p. 91-112, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8647859>. Acesso: 01/05/2023.

GODOY, Marcos Vinícius de. Modernismo e raça negra. **Portal Geledés**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/modernismo-e-raca-negra/>. Acesso: jan. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MACHADO, Ricardo. A questão racial no modernismo brasileiro antes e depois da Semana de Arte Moderna. **IHU - Instituto Humanistas Unisinos**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/618326-a-questao-racial-no-modernismo-brasileiro-antes-e-depois-da-semana-de-arte-moderna-entrevista-especial-com-deivison-campos>. Acesso: fev. 2023.

MARTINS, Maro Lara. Cartografia Política e Experiência Intelectual: uma tipologia do modernismo brasileiro. **39º Encontro Anual da Anpocs. GT19: Intelectuais, Cultura e Democracia**. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/39-encontro-anual-da-anpocs/gt/gt19/9622-cartografia-politica-e-experiencia-intelectual-uma-tipologia-do-modernismo-brasileiro>. Acesso: jan. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NUNES, Benedito. **Oswald canibal**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PERRONE-MOISÉS, L. **Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, n. 3, vol. 2, p. 3-15, 1989.

Suplemento Literário. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, Ano III, n. 85, 13 de abril de 1968.

Recebido em: 1 de agosto de 2023

Aceito em: 16 de outubro de 2023